



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica de Serra Talhada**

Jéssica Andrade Guabiraba Barbosa

O espaço do visível e do invisível na obra “Ensaio sobre  
a cegueira”

Serra Talhada - PE

Agosto de 2018

**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica de Serra Talhada**

Jéssica Andrade Guabiraba Barbosa

**O espaço do visível e do invisível na obra “Ensaio sobre  
a cegueira”**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em  
Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco  
como requisito para obtenção do grau de Licenciada em  
Letras – Português/ Inglês.

Orientadora: Valquíria Maria de Moura Cavalcante

Coorientador: Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Serra Talhada - PE

Agosto de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

B238e Barbosa, Jéssica Andrade Guabiraba

O espaço do visível e do invisível na obra “Ensaio sobre a cegueira” / Jéssica Andrade Guabiraba Barbosa. – Serra Talhada, 2018.

45 f.

Orientadora: Valquíria Maria de Moura Cavalcante

Coorientador: Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Letras) –  
Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada, 2018.

Inclui referências.

Jéssica Andrade Guabiraba Barbosa

## O espaço do visível e do invisível na obra “Ensaio sobre a cegueira”

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português/ Inglês. Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Maria de Moura Cavalcante, coorientador: Porf. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira. A banca avaliadora foi composta pela Profa. Dra. Valquíria Maria de Moura Cavalcante, o Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário e pelo Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos, no dia 21 de agosto de 2018.

Serra Talhada – PE

2018

Dedico este trabalho a minha mãe Lúcia de Fátima Andrade Silva, pela força, pela paciência e por todo o amor que entregou a mim, graças a ela hoje eu posso olhar e enxergar o mundo de outra forma, pois foi sua força que me motivou a chegar até aqui. Por você eu comecei, e é por você que devo seguir meu rumo, és minha âncora e o meu sonhar.

## Agradecimentos

Cada passo dessa jornada foi árdua e cheia de provações, cada momento difícil só me deu mais força para continuar, as barreiras me deram medo, mas nunca vontade de desistir, isso tudo porque tenho minha mãe como exemplo de força, eu a agradeço por tudo, principalmente por não ter desistido da vida, mesmo quando a vida não estava fácil, eu sei que ela fez isso porque sabia que eu precisava dela e sabe de uma coisa? Eu sempre irei precisar. Inicie o curso com total apoio dela, onde todos me julgavam por escolher se professora, ela se orgulhava pelo fato da filha um dia ser professora, ela não conseguiu terminar nem a escola, viu em mim um sonho a se realizar, espero ainda dar orgulho da profissional que irei me tornar, minha jornada nesse meio está apenas começando e pretendo seguir a diante para que minha mãe que hoje é minha filha, perceba que fez tudo certo e que tudo que sou é graças a ela.

Agradeço a Deus por ter mantido minha mãe viva, mesmo quando os médicos não tinham esperança, mesmo quando tudo estava perdido, agradeço pela força que me deu, que eu nem imaginava que tinha. Por ter colocado Elísio em minha vida em uma fase tão complicada, ele foi meu braço e minhas pernas, meu porto seguro, foi quem me ajudou em tudo, principalmente me ajudou a acreditar. Passei um ano afastada do curso para cuidar da minha mãe e não me arrependo um minuto, tudo tem o tempo certo, e Deus sabia exatamente qual era o meu, mesmo que por alguns instantes eu não entendesse, sempre vinha alguém e me abria os olhos como se fossem mensageiros dos céus, um desses mensageiros foi Adeilson Sedrins que inúmeras vezes falou que eu não me importasse com histórico acadêmico, pois a vida de minha mãe valia muito mais. É tão interessante como pessoas que você nem imagina, podem mudar a sua vida.

Agradeço a Dorothy Brito, por ter me acolhido no PIC, ter me orientado e me mostrado ciência através da língua, acreditando em mim, quando nem mesmo eu acreditava, foi um trabalho cansativo, Miguel me deu muito trabalho, mas foi recompensador cada minuto de trabalho. Além do PIC, ela também me ajudou no PIBID, junto de Elaine Cristina e Thais Ludmila, presentes que a graduação me deu, exemplos que quero seguir como excelentes profissionais que são. O programa me provou que o meu amor por literatura era real e que dar aula é o que preciso para pulsar. Vocês três me mostraram que ensinar vai

muito além de passar conteúdo, com vocês aprendi que ensinar é sobre o amor e principalmente, sobre compartilhar esse amor.

Sou imensamente grata a Valquíria, que embarcou na minha loucura desde o início, me ensinando a trabalhar literatura em sala de aula de forma apaixonante, me fazendo querer ser dez por cento do que ela é enquanto professora de literatura. És meu espelho e minha régua, obrigada por nunca ter desistido de mim. Também sou muito grata a Kleyton, que me ensinou a andar em linha tênue, ampliando meus horizontes teóricos e mostrando que sempre há mais o que pesquisar, fico feliz e cheia de orgulho por fazer parte do seu grupo de estudo. Também não poderia esquecer de Andreia, pois foi ela quem me apresentou essa obra que hoje faz parte de minha vida como ponte para o meu crescer.

Dentro da universidade fiz amigos que nunca poderei esquecer, cada um de vocês mudaram minha vida de formas diferentes, dando apoio e carinho, fizemos bagunça, mas também fazendo histórias dentro de nós, Evelyn, Jonatas, Francis que nossa vida seja sempre um Frevo. Dentro da sala eu tive a sorte encontrar companheiras para vida, que me inspiravam diariamente, que aliviaram as tensões de sala, que me mostravam caminhos que podíamos seguir pois nossas loucuras se completavam e sempre seguimos jornadas juntas, meninas vocês me transformaram, obrigada Vanessa, Josicléia e Edjanécia, que não acabe na UAST. Entre curso de extensão e grupos de estudos, também conheci amigas que levo para vida, que me mostraram o que é ser mulher, que fizeram crescer com tal, Carla e Ingrid vocês são as ostras que sempre carregarei no coração e na vida, obrigada por desembaçar minha visão, quando eu mais precisava.

Fora da UAST e longe de Serra Talhada, eu também tive apoio do meu pai, que, mesmo tão distante sempre me apoiou como estudante e como filha, sei quão difícil foi a separação para o senhor e de como nos distanciamos por conta disso, não vou falar que foi fácil para mim, porque não foi. Mas saber que sempre posso contar contigo me fez sentir amada, sou muito grata por tudo. Ainda quero te dar muito orgulho, saiba que minha jornada está apenas começando e em cada etapa eu quero você lá. Minha gratidão também é dedicada a quatro anjos que eu tenho certeza que olham por mim lá do céu, Meu avô Paju que infelizmente pouco convivi, mas que sei que sempre foi puro amor comigo, a minha Vó Toquinha, que me mimava e me fazia muito amada e feliz, a minha Madrinha Tereza que era dona da risada mais linda de todas e dona de um carisma que nem sei como descrever e a Dona Selma que foi muito importante na minha vida e me deu apoio quando mais precisei.

Para aguentar meus devaneios e estresses, eu tive duas irmãs que a vida me deu, com elas posso contar, são minhas cúmplices e meu pilar, são muitos anos ao lado delas, eu sei que não foi fácil me aguentar, saibam que vocês me ensinaram muito, principalmente a amar, obrigada Aline e Laylanne. Para adoçar minha vida, ganhei uma amiga que virou minha comadre e que me apresentou com Sophia, ser mais lindo que me faz querer ser melhor, Larisse nem sei como agradecer. Para tornar minha vida ainda mais linda, Deus me presenteou com Maria Valentina e José Bernardo, sobrinhos que enchem meus dias de luz e amor, vocês são meu combustível.



Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.  
(Saramago, 1995)

## **Resumo**

O principal objeto de estudo deste trabalho é analisar os espaços visíveis e invisíveis como peça fundamental de transformação dos personagens dentro da obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995) de José Saramago, posto que os personagens se modificam ao longo da narrativa. Pretende-se também trabalhar a categoria espaço, assim como teorias filosóficas sobre o espaço, a fim de relatar os espaços que a narrativa aborda. Dessa forma utilizamos a partir da leitura de Luis Alberto Brandão em sua obra “A teoria do espaço literário”, onde ele apresenta as teorias que foram escolhidas para o estudo da obra. Como “A poética do espaço – Gaston Bachelard” e “Microfísica do poder” de Foucault.

Palavras chave: Espaço literário; Manicômio; Cegueira; Espaço; Visível e Invisível.

## **Abstract**

The main object of study of this work is to analyze the visible and invisible spaces as a fundamental piece of transformation of the characters within José Saramago's work on blindness (1995), since the characters change throughout the narrative. It is also intended to work the space category, as well as philosophical theories about space, in order to report the spaces that the narrative addresses. In this way we use from the reading of Luis Alberto Brandão in his work "The theory of literary space", where he presents the theories that were chosen for the study of the work. With "The poetics of the space - Gaston Bachelard" and "Microfísica do poder" of Foucault.

Keywords: Literary Space; Asylum; Blindness; Space; Visible and Invisible;

## Sumário

Introdução.....	11
1. O espaço como fonte de transformação.....	13
2. Ensaio sobre a cegueira: uma análise sobre os espaços visíveis e invisíveis.....	21
3. Espaços do visível ao invisível.....	31
3.1 Espaços invisíveis.....	36
3.2 Espaços visíveis.....	37
4. Em terra de cegos quem tem um olho é rei?.....	39
5. Considerações finais.....	42
Referências.....	45

## Introdução

O presente trabalho pretende analisar a obra **Ensaio sobre a cegueira** a partir da leitura de Luis Alberto Brandão em sua obra “A teoria do espaço literário”, que foca na categoria espaço e sua importância, trazendo sempre estudos filosóficos a respeito do espaço, com isso algumas dessas teorias também entrarão na fundamentação. Como “A poética do espaço – Gaston Bachelard” e “Microfísica do poder de Foucault. Foram selecionados trechos da obra onde mostrasse os espaços mais importantes citados na narrativa, espaços esses que transformam os personagens, em especial os sete personagens do núcleo principal.

Sendo assim, Bachelard aborda o espaço de uma forma mais simbólica, enquanto Foucault considera aspectos mais objetivos em relação ao espaço, dessa forma a combinação das duas teorias se mostrou produtiva na abordagem do romance. Posto que a narrativa é apresentada de uma forma alegórica uma situação distópica de caos total e um ar misterioso envolvendo a cegueira geral.

Dentro da narrativa, vamos encontrar uma forte relação de poder do governo com os cegos, principalmente quando o local onde eles irão passar a quarentena é escolhido, mostrando assim a relação de espaço e poder. O manicômio é o local escolhido para abrigar os cegos, que apresentam a cegueira branca, como tudo é desconhecido, acredita-se que o mar de leite seja uma epidemia devastadora e altamente contagiosa. Dessa forma, os internos são isolados de qualquer relação com pessoas que enxergam.

Com isso, o trabalho foi organizado de acordo com as relações de espaço e a visão, se dividindo em O espaço como fonte de transformação, onde serão abordadas as teorias escolhidas para fundamentar o trabalho, mostrando assim as abordagens de Bachelard em relação A imensidão íntima, A dialética do exterior e do interior, Os cantos e a Casa e universo . Assim como as abordagens de Foucault sobre Verdade e poder, O nascimento do hospital, A casa dos loucos, Sobre a prisão e Poder–corpo.

Em seguida será apresentada a análise do romance que foi intitulada de Ensaio sobre a cegueira: uma análise sobre os espaços visíveis e invisíveis, com o objetivo de apresentar a obra, mostrando principalmente a relação de poder do governo com os cegos. Nesse momento é mostrado o descaso com os internados do manicômio. Toda a relação de poder é construída a partir do espaço em que os cegos são instalados, trazendo assim a relação de espaço e poder.

Para analisar os ambientes que os cegos estavam inseridos antes da cegueira se alastrar, foram extraídos trechos da obra para identificar os caminhos entre os Espaços do

visível ao invisível, a fim de salientar a transformação dos personagens nas suas transições no ambiente cotidiano, que se transforma em ambiente totalmente desconhecido em questão de segundos. Desse modo, para prosseguir a análise, foram escolhidos trechos que mostrassem o espaço invisível, onde se focou na relação dos cegos com o ambiente e o espaço visível, dando ênfase à visão de da única personagem que enxerga na obra.

É importante salientar que a cegueira é um tema recorrente na literatura, com isso optou-se para fazer uma análise comparativa, com a narrativa saramaguiana e um conto escrito no século XIX. O conto escolhido foi: Em terra de cegos de H.G Wells, escrito em 1899, posto que em ambas as obras, só um personagem enxerga. É mostrada também a relação de poder nas duas obras.

## 1- O espaço como fonte de transformação

Neste capítulo serão apresentadas as teorias utilizadas para fundamentar este trabalho. Procuramos fazer a análise a partir das ideias de Luis Alberto Brandão em sua obra “A teoria do espaço literário”, que foca na categoria espaço e sua importância, trazendo sempre estudos filosóficos a respeito do espaço, com isso algumas dessas teorias também entrarão na fundamentação. Como “A poética do espaço – Gaston Bachelard”, que vai mostrar espaços reais e imaginários e de como, cada um modifica o ser humano. Outro autor que também aparecerá será Michel Foucault, com seus debates a cerca de manicômios, prisão, verdade e poder. Dessa forma, ao analisar a narrativa: **Ensaio sobre a cegueira** de José Saramago, vamos abordar os espaços citados, tendo o manicômio como local principal, retrataremos as questões sociais trazidas pelo autor, posto que todos os espaços citados na obra não são nomeados. No entanto há toda uma relação com lugar e personagens.

O espaço literário pode ser visto como uma categoria subordinada pelas demais, quando se trata de teorias literárias. Dessa forma, é preciso analisar detalhadamente todos os fragmentos que formam o espaço na obra literária, pois cada partícula mínima do que foi escrito pode se tornar chave essencial para o espaço, até porque existem obras em que o espaço se transforma em personagem na mesma intensidade em que fora antes apenas um ambiente, como, por exemplo, A ponte de Franz Kafka, que no ato de devaneio do personagem, faz com que a ponte se transforme no próprio personagem, como se fossem um só. O espaço na obra literária vai variar de acordo com a intensão do seu gênero, assim cada local citado na obra terá grande significado dentro do contexto apresentado pelo narrador. Não importa que tipo de narrador a obra apresente, haverá sempre alguma descrição do cenário, nem que seja algo sutil. Cada lugar terá uma importância diferente dentro da mesma obra. Sendo assim quando se olha para a obra com a intenção de analisá-la, é preciso que se perceba cada nuance que obra apresenta.

Brandão (2013) ressalta que se observarmos bem, a história da cartografia, notaremos que tudo é mutável, que cada época e cultura, modificam-se de acordo com as relações de uso, ele traz o exemplo do cenário medieval, que se pararmos para observá-lo, vamos notar que é um cenário bastante sensorial em sua forma e extremamente imagético, é possível sentir os odores e se deter a cada textura apresentada. Cenário no qual recebe diversas descrições ao longo do tempo, cada uma com um foco de descrição diferente, transformando-se assim em espaços diferentes. Em uma mesma obra os cenários são descritos de formas diferentes, seja

pelos mesmos personagens, seja por outros personagens, quando nos deparamos com a obra **Ensaio sobre a cegueira** de Saramago, por exemplo, temos um núcleo formado por sete personagens principais, que habitam o mesmo local, dentre eles existe apenas uma pessoa que enxerga. As perspectivas já são diferente entre os seis cegos, pois são idades diferentes, são vidas diferentes. A mulher do médico, única personagem que enxerga, tem a uma visão totalmente oposta de todos os outros, pelo próprio fato de ver o que não se quer.

Na obra os cegos sabem que são camaratas grandes, com camas hospitalares, banheiros sujos, refeitório abandonado. No entanto, eles conseguem ter essas noções pelo tato e olfato, já a mulher do médico ver tudo o tempo todo. É impossível controlar o que se ver, é preciso enxergar para tentar se safar, é triste olhar tudo aquilo e a personagem que consegue ver, tem o desejo de cegar. Todo o espaço é contaminado de dor e sofrimento, o mal branco faz com que as pessoas cheguem ao ponto de precariedade tão grande que ver já não é vantagem. Dessa forma, o espaço literário deve ser analisado dentro da obra como parte de todo o contexto. Brandão (2013) afirma que “há sempre o risco de que o que se toma por conhecido se apague, de que os elementos determinados percam a determinação”, afinal de contas o espaço é marcado pela instabilidade. A mutação do espaço ocorre por diversos fatos, cada local pode ter mais de uma perspectiva, em **Ensaio sobre a cegueira**, por exemplo, o primeiro cego, mesmo conhecendo sua casa, perde total a noção de espaço, era uma casa antes e outra depois de cegar.

Em “A poética do Espaço”, Bachelard afirma que:

[...]Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos tem valores de onirismo consoante. Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vivida”, não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem estar tem um passado. Todo passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova [...] E o devaneio se aprofunda a tal ponto que um domo imemorial, para além da mais antiga memória, se abre para o sonhador do lar.[...] (BACHELARD, A poética do espaço – pág. 200)

Ou seja, o lar-ambiente-espaço, não só é um conjunto de paredes e/ou moveis, nele estão guardadas as memórias, os desejos, cada pedaço do espaço vivido tem uma parte de nós. Na obra aqui analisada, os personagens tem os seus espaços individuais, como as suas casas, tem o espaço do refúgio-prisão, a camarata, e o espaço da memória, que entoa todo o desejo de voltar a enxergar e de se reconhecer novamente em seu lar. Os espaços individuais vão se dar ao próprio lar de cada um, onde o apego emocional está mais vivo. Cada personagem traz em sua bagagem todas as memórias que lhes foram boas e ruins, os flashbacks, onde estão guardados os espaços de maior relevância para a cada um. De acordo com Bachelard mostra, “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos”, o ser humano



consegue assim, em um ambiente se transportar para o passado, apenas com pensamento, a memória é aguçada pelo cheiro, o tato e principalmente pela visão, que nos mostra os detalhes que nunca foram esquecidos, que ficam na memória como fotografias desbotadas, que a partir do momento que há o reencontro a fotografia da memória ganha vida.

Brandão (2013) vai chamar de espaço pensamento, onde ele afirma que “segundo o prisma metafísico, o pensamento almeja o plano das Ideias, lugar da Utopia: paradoxalmente, lugar que não é lugar, negação da natureza acidental dos lugares concretos”, ou seja, é o constante desejo do lugar pelas suas lembranças, pelas suas vontades, principalmente pelo que acreditou sobre aquele lugar, algo mágico e como o Brandão coloca, utópico. O lugar pensamento, vai além do que realmente é, vai fundo ao que se deseja que tivesse sido. No momento em que os personagens dão vez ao lugar pensamento, eles conseguem nos transportar para dois lugares ao mesmo tempo, o espaço em que se encontra, e o lugar não lugar do seu pensamento. Dessa maneira, quando temos o espaço pensamento descrito na obra, conhecemos melhor cada personagem, pois através dos *flashbacks* conhecemos o passado e toda sua trajetória, seja imaginária ou real. O espaço imaginário também revela muito sobre o personagem, como os anseios e os medos, trazendo características únicas para a obra.

Desse modo, podemos analisar os espaços que são citados em obras literárias, a fim de conhecer não só a geografia, mas também, os personagens e seus sentimentos. Cada espaço tem um valor diferente dentro das histórias, não se conta uma mesma história com a mesma intenção se modificarmos os ambientes, o fato é que se pegarmos a história de Alice no país das maravilhas e tentarmos colocar no nosso mundo cotidiano toda a história perde o sentido, não teríamos mais tantos elementos maravilhosos dentro da obra. Com isso, é importante que vejamos qual espaço a obra está sendo narrada, para que as intenções sejam assim reveladas. Ninguém escolhe os ambientes aleatoriamente. Poe, em a **Filosofia da Composição**, por exemplo, nos mostra que para escrever “O corvo”, ele selecionou vários elementos sombrios. Dentre esses elementos, um dos que mais tinha importância era justamente o ambiente que iria ser descrito, pois precisava intensificar a atmosfera sombria. Dessa forma, Poe, traz a chuva, um quarto escuro, a solidão visível, a noite, objetos de decoração peculiares, para que pudesse detalhar aquele ambiente sombrio. Não só Poe, mas diversos autores costumam trazer elementos que casem com suas intenções, dentro do ambiente em que se passam as narrativas.

Com isso, em algumas obras os detalhes são mostrados de forma sutil nos espaços, no entanto que movimenta o leitor, para o ambiente descrito, o que torna a obra rica e cheia de

elementos imagéticos. Assim como também há obras em que os espaços são detalhadamente descritos, de formas nada sutis, são obras extremamente visuais, que não deixam nenhum detalhe de fora, que mostram cada intenção da forma mais descritiva possível. Uma dessas obras é justamente “Ensaio sobre a cegueira”, em que os personagens estão cegos, mas o narrador detalha cada ambiente, de forma que consegue dá asco ao leitor, devido às características perturbadoras do ambiente. O cenário mais descrito na obra é um manicômio, o que torna a obra ainda mais provocadora, dentre tantos lugares, os cegos são colocados à força em um hospício e além do espaço já mostrar cenários perturbadores, ainda tem a questão de que todo o comando é do Exército. Ou seja, o lugar escolhido para abrigar os cegos já considerando um local de dominação, e ainda por cima, tem a instituição que mais exala poder, quando se trata de “disciplina”, comando um ambiente que se transformou em um completo caos. O que se diferencia nessa obra é, justamente que apesar dos espaços serem descritos, não temos nomes de cidades, bairros, ou mesmo ruas. É tudo uma grande incógnita, não há uma relação real com os ambientes geográficos, mesmo assim não deixa nada a desejar em relação a descrição de espaço.

Brandão (2013) faz uma colocação que deixa claro a relação de espaço e obra literária, “se há espaço e há teoria, e se se deseja compreendê-los como realidade/produções humanas, é primordial que se analise o que define imaginário espacial e imaginário teórico”, assim podemos dizer que as obras literárias são ótimas fontes de estudo, pois são ficções que tem como objetivo, criar o imaginário da materialização, ou seja, são nas obras literárias que o leitor busca, mesmo sendo ficcional, uma realidade humana, para se fazer sua por alguns momentos. Por isso que os espaços são sempre tão reais dentro do seu contexto. Quando falo reais, me refiro a verossimilhança. Com isso, mesmo que o cenário descrito seja algo meramente imaginário, dentro daquela obra vai caber, pois toda sua ligação vai ser dada de acordo com a história contada. Podem surgir espaços como troncos de árvores, como é o caso de **Alice no país das maravilhas**, ou pode surgir espaços geográficos reais, com descrições existentes, como é o caso de **O sol também se levanta**, o que diferencia ambas, é que Lewis Carroll mostra um espaço cheio de elementos maravilhosos, com animais e objetos falantes, onde cada espaço terá um valor diferente e inclusive muda a personagem fisicamente para caber nesses espaços, tudo é contado de uma forma que se encaixa perfeitamente dentro da obra. Já Ernest Hemingway, descreve locais que de fato existem, citando ruas, bairros, cidades e assim por diante, as duas obras retratam bem os espaços citados, dando ao leitor possibilidades imaginárias e reais dentro das obras.

A teoria literária tem diferentes alvos dentro da obra, mesmo que tenham característica peculiares, Brandão (2013), coloca como um renovado interesse, assim dizendo, que essa preocupação em trabalhar o espaço literário é recente e mesmo com algumas contradições, geram muitas perspectivas teóricas. Albert Einstein coloca o espaço de forma que conserva algo rígido e homogêneo (Brandão apud Einstein), ou seja, é o ser fixo dentro do espaço, se misturando com o todo e sendo o mesmo. Brandão (2013) afirma que o espaço deixou de ser tratado como um simples pano de fundo, para ganhar espaço em seu todo. Dessa forma, a metáfora faz com que o conceito de espaço seja uma expansão em movimento, e o que tomou como base a teoria de Einstein (Teoria da relatividade) se concretiza em teoria literária, a partir de Bakhtin em seu ensaio “Formas de tempo e de Cronotopo no Romance” (1930), onde o mesmo coloca as *“relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”*, ou seja, a partir da teoria da relatividade usa-se as metáforas para trabalhar o espaço literário, Bakhtin afirma que essa junção é o que se pode chamar de Cronotopo (tempo-espaço):

[...] Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente). [...] (Brandão apud Bakhtin) [BRANDÃO, Luis Alberto, Teorias do Espaço Literário, 2013pág. 53]

Trazer teorias da área de exatas para trabalhar com literatura foi um tanto quanto ousado da parte de Bakhtin, mas muito adequada para analisar obras literárias que vão além da zona de conforto, em que trabalhar espaço literário ultrapassa ainda mais essa cerca que se faz entre o que é espaço e qual o seu significado dentro da obra. Brandão (2013) mostra que Foucault, em 1967, auge do estruturalismo, ressalta que “Estamos em uma época em que o espaço se oferece sob a forma de relações de localizações” (Brandão apud Foucault), ou seja, é ligar o espaço ao sentimento, o sentimento ao local, o local às memórias e a vida as relações entre cada ligação, Foucault coloca isso bem claro quando afirma que:

[...] Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. [...] (Brandão apud Foucault) [BRANDÃO, Luis Alberto, Teorias do Espaço Literário, 2013 pág. 56]

Dessa forma, Foucault coloca os espaços reais como sendo parte do que se é, assim sendo mutável, ou seja, o espaço real pode ser ao mesmo tempo “representado, contestado e

invertido”, posto que o mesmo coloca como algo que seja simultâneo dentro dos espaços reais da sociedade. Além do mais, o filósofo usa dos pontos de ligação entre coisas opostas para que se descreva o espaço, pois todas as formas se interligam, seja o espaço imaginário, seja o espaço real. Existe uma justaposição entre os opostos que ligam tudo que é real com imaginário. Brandão (2013) afirma que “por um lado, o espaço é determinado, resultado de determinações, por outro, é determinante, produtor de determinação”, logo ele afirma que existe uma concepção idealista de espaço. Dessa forma, o espaço também pode ser visto com uma projeção mental, assim sendo, o espaço é tudo que se idealiza, tornado o imaginário no real.

[...] Tem-se, assim, por um lado, o espaço natural (também denominado físico, geográfico, cosmológico); por outro lado, o espaço construído, ou produzido, decorrente de ação humana – concreta e simbólica. No primeiro se insere a vertente que vincula o espaço à percepção, à esfera do sensível. Aqui se costuma defender a impossibilidade de dissociar espaço e corpo [...] Mais especificamente, é habitual se tomar o corpo humano por um de seus sentidos: a visão. No segundo caso, tem-se o espaço subsumido em modelos, seja de configuração social, seja de compleição psicológica. [...] (BRANDÃO, Luis Alberto, Teorias do Espaço Literário, 2013)

Com isso, Brandão (2013) coloca o espaço como uma dualidade de ideias, que ora pode ser apenas um espaço simbólico, e ora pode ser concreta, onde por sua vez, é construída pela idealização do homem em ambos os casos. O que podemos notar, é que em algumas obras literárias existe uma conexão real entre o personagem e o espaço, que permite o leitor caracterizar o personagem por meio do cenário. Na alegoria sempre encontramos uma espécie de ligação entre o espaço e o personagem como uma metáfora entre o seu interior e seu exterior. Outro espaço que também podemos averiguar é o da imensidão íntima, que move o homem mesmo ele estando imóvel:

[...] A imensidão íntima está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão. Quando estamos imóveis, estamos além; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel.[...] (BACHELARD, A poética do espaço - pág. 317)

Bachelard (1987) mostra em sua obra, que o corpo humano vai ser um espaço imenso e cheio de movimento, é o ser dentro do ser, tudo que é vivido se torna um só dentro do corpo, fazendo com que haja um resgate de interior para o exterior. Dentro das obras literárias buscar o espaço vai nos nortear para o interior do personagem, de forma que toda aquela expansão modifique não só a descrição do espaço geográfico, mas também todo laço de afeto que o personagem alimenta naquele espaço. Se há momentos felizes em um ambiente narrado,

sempre vamos perceber em sua descrição, as cores, os cheiros, o tom alegre nos mínimos detalhes, caso tenha um tom de melancolia, o mesmo espaço citado e descrito, ganhará um tom mais escuro, mais denso e cheio de detalhes sórdidos. O espaço dentro da obra pode modificar o interior do personagem, da mesma forma que toda carga sentimental do personagem pode alterar o espaço naquele momento narrado, se pegar, por exemplo, “O gato preto de Poe”. Ele vai descrever no primeiro momento de seu casamento, como um ambiente florido, com muitos animais, um aspecto primaveril, algo digno de contos de fadas, porém quando ele é tomado pelo ódio ao gato e por sua bebedeira constante, o ambiente vai perdendo vida, as plantas morrem, os animais somem, o único que o perturba é um gato preto, que ele o culpa de toda sua desgraça. Observa-se que se trata da mesma casa, o tempo inteiro, mas conforme o conto vai ganhando um tom de melancolia, tudo vai se tornando mais sombrio e a narrativa ganha um tom assustador.

O próprio Bachelard em sua poética do espaço, mostra que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, pelo contrário os espaços são ricos em detalhes e contrariedades, não há uma verdade única quando se fala de espaço, há um misto de sentimentos envoltos em um ambiente cheio de carga afetiva, seja pelo positivo ou seja pelo negativo. O espaço está em nós, assim como está no exterior, cada local, que se passa, se leva um pouco dentro de você, o que é novo pode assustar, assim como também pode transformar, cada espaço carrega em si um grande significado. Podemos observar na alegoria da caverna de Platão, onde homens presos só conseguem ver sombras, que são vistas como monstros cruéis, e que o exterior pode mata-los, todos os homens tem medo, mas um tem curiosidade de descobrir o mundo exterior a caverna, ao conseguir sair e escapar existe um mundo cheio de verde, luz e cheiros que jamais poderia ter visto, toda aquela experiência o transformou.

Quando se fala de lugares geográficos que transformam, podemos pensar em milhares, como escolas, igrejas, espaços naturais e assim por diante, dentre vários espaços que podíamos citar, o que mais chama a atenção são os manicômios que geram polemicas desde sua criação. É o local em que as pessoas entram de um jeito e devem sair de outro, existe todo um trato para as pessoas que ali entram, caso não melhorem, não devem sair. Mas há cura para tudo? Claro que não, principalmente para a hipocrisia que sustenta lugares como este. Não falamos aqui de uma casa de repouso, ou casa de recuperação, estamos falando da casa dos loucos, como Foucault coloca, um lugar cheio de dor e sofrimento, onde os pacientes são tratados como animais irracionais, aliais, são tratados como bichos imundos que não merecem

um melhor tratamento. Chegar no manicômio é a certeza que a família já não quer mais aquela carga para si, por não aguentar, por não ter consistência e apoio do restante dos familiares, ou simplesmente porque não querem. Foucault afirma:

[...] Para justificar o isolamento dos loucos, Esquirol dava cinco razões principais: 1. Garantir a segurança pessoal dos loucos e de suas famílias; 2. Liberá-los das influências externas; 3. Vencer suas resistências pessoais; 4. Submetê-los a um regime médico; 5. Impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais. Como se pode ver tudo é questão de poder: dominar o poder do louco, neutralizar os poderes que de fora possam se exercer sobre eles, estabelecer um poder terapêutico e de adestramento [...] (FOUCAULT, Michel – Microfísica do poder – A casa dos loucos, pág. 210)

Assim, podemos notar que o manicômio tem uma forte relação de poder, ou melhor dizendo, de saber-poder, como o próprio Foucault afirma, que seria o fato do médico possuir conhecimento, dando-lhe poder para executar todos os seus experimentos, mas com justificativas bem convincentes, de que o melhor para a sociedade e para os loucos, viverem presos em manicômios. Essa é uma relação muito comum dentro da sociedade, a relação saber-poder, é sempre imposto pela sociedade, para que o restante da população seja submissa ao poder que o saber exerce. Quando trazemos essa teoria para literatura, podemos notar em diversas obras, a tentativa de quebra, porém também podemos notar o quão forte é dentro de obras literárias, a forma de saber-poder, em “Ensaio sobre a cegueira”, o local escolhido para colocar os cegos, é justamente um manicômio, onde se deixa bem claro, que lá será melhor para viajar os cegos e aprisioná-los. Foucault em entrevista com Jean-Pierre Barou, fala sobre suas pesquisas em relação aos prédios hospitalares que foram construídos no século XVIII, onde o mesmo observa que o ambiente é construído com uma intenção apenas, a de vigiar todos ao mesmo tempo, individualizando cada um dos pacientes, o que parece uma ideia absurda, mas ele vai descrevendo os espaços e mostrando a forma que é feita, com janelas para ventilar melhor e ter mais luz solar para que fossem melhor observados durante dia, ambiente espaçoso, para que possa separar cada paciente, pois é preciso evitar o contato deles, dessa forma, notamos que a arquitetura dos manicômios já é feita com propósito de impor poder, o filósofo aponta que esse problema nas construções se perpetua até o fim do século XIX, onde essas construções vão se expandir.

Quando Foucault coloca esse tipo de construção como problema, ele quer mostrar que os pacientes não eram tratados como seres humanos e essa individualização que eles tentavam manter, não passavam de tentativa, posto que os internados não tinham direito à privacidade. Sendo assim, quando se trata de um ambiente hospitalar de regime fechado e com o objetivo de vigiar, podemos pensar na questão do poder como forma de manipular, não só os

internados, como também seus familiares, onde até o espaço é totalmente criado em fundo de exercer o seu poder. Uma narrativa ficcional que retrata esse saber-poder é “**O Alienista** de Machado de Assis”, onde o personagem principal começa a internar todas as pessoas da cidade, por motivos mínimos, a fim de provar a insanidade de cada indivíduo. Dentro dessa obra é possível observar que o poder do **Alienista** inicialmente é visto como sabedoria, porém, conforme ele vai aprisionando pessoas que tem dinheiro na cidade, ele começa a ser visto como o principal louco e acaba se internando, onde se mantém preso até a morte. A loucura é um tema recorrente na literatura, principalmente no século XIX, talvez porque seja quando os alienistas (forma que os médicos psiquiatras eram chamados na época) começam a ter mais poder dentro da sociedade.

## **2- Ensaio sobre a cegueira: uma análise sobre os espaços visíveis e invisíveis**

*“Cegos de olhos e cegos de sentimentos”*

(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 242)

Neste capítulo vamos apresentar a análise feita a cerca da obra **Ensaio sobre a cegueira** de José Saramago, onde mostraremos os espaços visíveis e invisíveis que a obra apresenta, nos detendo ao manicômio e a casa do médico. Dessa maneira, trabalhar o espaço nessa obra em específico, mostra que os espaços limitados e não limitados, são em suma parte dos personagens em suas experiências de sofrimento. O corpo tem grande significado para ser humano, a visão por sua vez tem o poder de autorreflexão, de enxergar nos outros o que é visto em nós. Ter as janelas da alma tapada por uma nuvem branca, faz com as reflexões ganhem mais força. O oitavo romance do autor foi escrito em 1995 e trás muitas características peculiares, que faz parte do estilo saramaguiano, como a falta de pontuação, ausência de nomes próprios, assim os personagens principais são caracterizados de acordo com o seu problema de visão, já os personagens secundários e ainda não cegos, são identificados pela sua posição social, as ruas não são nomeadas e nem se fala em cidade, estado ou país, segundo Calbucci (1999) “isso reforça a ideia de universalização do texto, que cria uma fantástica alegoria em cima do destino possível da humanidade”, com isso a cegueira ganha maior repercussão dentro da própria obra, pois se torna um problema mundial.

José Saramago começa em 1995 um ciclo de alegrias em suas obras, onde encontramos marcas da oralidade, utilização de provérbios, fazendo com que as obras ganhem

uma linguagem mais cotidiana. Lopes (2010) afirma que “numa visão de conjunto, o traço dominante mais inovador parece confluir para o fato de estarmos agora diante de alegorias que funcionam como distopias de um mundo abandonado pela razão”. É em **Ensaio sobre a cegueira** que Saramago se inicia esse novo estilo distopicos, onde a alegoria traz os mitos populares e até alguns versículos bíblicos para a narrativa e continua em **A caverna, O homem duplicado e Ensaio sobre a lucidez**. A narrativa **Ensaio sobre a cegueira**, teve um processo de escrita mais lento, demorando assim dois anos para se concretizar (mas a ideia inicial surgiu em 1991 e só em meados de 1993 ele inicia a obra), o próprio autor relata que “a certa altura, cheguei a dizer: não sei se consigo sobreviver a este livro. Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim” (28 de outubro de 1995). A obra por si só é muito densa, traz toda a ideia de abandono da razão, tendo a personagem intitulada por “a mulher do médico” como o fio racional durante toda a obra, como Lopes (2010) coloca na biografia do autor.

A obra literária **Ensaio sobre a cegueira** é interessante em sua forma de escrita e elaboração do encadeamento dos fatos, é uma bem escrita com mínimos detalhes que nos permite vivenciar momentos de caos, dor e sofrimento, mas que a cima de tudo é uma obra que provoca o leitor o tempo todo, pela forma de falar da cegueira, de como nos mostra que cegos somos mesmo antes de cegar, que só enxergamos o que queremos. Durante a leitura, cada capítulo é uma reflexão sobre o ser humano e seu meio. O próprio titulo nos permite reflexões a cerca da obra, pois Ensaio é uma palavra que denota uma experimentação, algo que se treina para melhorar no próprio ato principal, mas também, pode denotar ao um trabalho que nos leva à uma ideia principal de teorias várias, ou seja, dessa forma, podemos começar a analisar o porque do no escolhido para a obra, seria uma de fato o ensaiar da cegueira, ou seria a tentativa de mostrar e provar que o ser humano nasce cego e permanece cego, porém só enxerga isso quando a cegueira lhe cobre os olhos?

A obra conta um núcleo fixo, composto pelos sete personagens principais da trama, sendo eles: o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros, o menino estrábico, o velho da venda preta, o médico e a mulher do médico, percebe que todos os personagens são identificados com referência aos olhos, o núcleo inteiro passou pelo mesmo oftalmologista, de forma direta ou indireta. Toda a narrativa se passa por esse núcleo, que vai sofrendo com todo caos que se instaura na cidade, eles de certa forma são as vozes de todos os outros cegos, posto que a cidade inteira cegou sem nenhuma explicação. Eles são tomados pelo mal branco, por um mar de leite que entoa os seus olhos e deixa tudo de uma



brancura sem fim, uma brancura agonizante, que os deixa sem saber como agir, é uma espécie de devaneio que parece nunca ter fim. Todos os dias quando acordam se perguntam se não fora um sonho ruim, se ainda não acabou, a cegueira é cruel com eles, a cegueira faz com que eles vejam, vejam muito além do que se vê, faz com que eles percebam o que antes deixavam passar, faz com que eles deem valor a coisas que antes eram meras distrações ou satisfações.

Dentre os sete principais personagens, apenas uma enxerga, a mulher do médico, ela diz estar cega para poder ir junto com o marido para a quarentena inicial, porém ela é a única a enxergar o tempo todo, o que torna uma espécie de tortura para ela, posto que ela se depara com as piores imagens possíveis, ela vê homens como bichos jogados, imundice e muita dor, sem poder fazer nada, o seu desejo diário é cegar, receber o mal branco e ser apenas mais uma cega dentre todos os outros. A mulher do médico se torna o “Pilar” dos seis cegos que ela carrega durante a trama, ela os ajuda a fugir, ela recolhe alimento, acha suas casas, ela os guia, os leva para sua casa, os acolhe e os zela, todos estão cegos, o mundo virou um caos, a cidade parou, alguns não aguentaram a dor de não enxergar e tiraram a própria vida, outros morreram pela fome, pois a miséria e a guerra por comida se tornaram reais, e ela podia ver tudo isso e pior, ela podia enxergar tudo, sendo ainda mais tenso a cada momento.

Outro ponto importante que a obra traz, é a relação do poder, onde podemos observar uma hierarquia muito marcada e vinda do militarismo, dessa forma, os cegos são “organizados” pelos soldados, não existe uma preocupação médica e voluntária, o que vemos na obra são soldados ditando ordens o tempo todo. É fato que eles estão ali tão forçados quanto os cegos, mas entre eles e os cegos não existe conversas, apenas ordens.

Mas é como Foucault afirma “Microfísica do Poder”:

[...] Me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Quando se definem os efeitos de poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica desse mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria força de proibição. Ora, creio ser uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. [...] (FOUCAULT, Michel – Microfísica do poder – Verdade e poder pág. 44)

O exército que foi a instituição que tomou de conta dos cegos, não tinham intenção de bondade, porém, de forma sutil, levavam esperança aos internos, pois se falava em estudos sobre o acontecimento, sobre busca de voluntários, sobre alimentos e possíveis cuidados. No

entanto, basta perceber o local que foi escolhido para colocar os primeiros cegos, poderia ter sido em hospitais de isolamento, já que o medo era contaminação, mas não o fizeram. Colocaram os primeiros cegos em um manicômio. Não era um manicômio comum, era um manicômio abandonado, que estava sendo vigiado por soldados do exercito. Dessa maneira, a própria escolha do local já começa por ser de total domínio, ainda mais quando quem comanda é o exercito armado. Estamos falando de cegos, ou seja, doentes, que estavam isolados por conta de contaminação, só que não havia tratamento, na verdade nem havia nada a respeito de uma solução.

Não é possível tratar dessa obra e não falar do local em que maior parte da narrativa se passa, manicômio é criando para reprimir o outro, para mostrar poder de domínio, nessa obra é o que o governo quer ter, o domínio. Não querem contaminação geral, assim como não querem alarde sobre a praga branca. Essa relação de poder fica bem clara no trecho em que eles passam as ordens aos cegos recém chegados às camaratas.

[...] O governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um ato de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que seguem, primeiro, luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata, terceiro, em cada camarata existe um telefone que só poderá ser utilizado para requisitar ao exterior a reposição de produtos de higiene e limpeza, quarto, os internados lavarão manualmente suas roupas, quinto, recomenda-se as eleições de responsáveis pelas camaratas, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar, sexto, três vezes ao dia depositaremos caixas de comida na porta da entrada, à direita e à esquerda, destinadas, respectivamente, aos pacientes e aos suspeitos de contágio, sétimo, todos os restos deverão ser queimados, considerando-se restos, para este efeito, além de qualquer comida sobrando, as caixas, os pratos e talheres, que estão fabricados de materiais combustíveis, oitavo, a queima deverá ser efetuada nos pátios interiores do edifício ou na cerca, nono, os internados são responsáveis por todas as consequências negativas dessas queimas, décimo, em caso de incêndio, seja infortuno ou intencional, os bombeiros não intervirão, décimo primeiro, igualmente não deverão os internados contar com nenhum tipo de intervenção exterior na hipótese de virem a verificar-se doenças entre eles, assim como a ocorrência de desordens e agressões, décimo segundo, em caso de morte, seja qual for sua causa, os internados enterrarão sem formalidades o cadáver na cerca, décimo terceiro, comunicação entre a ala dos pacientes e a ala dos suspeitos de contágio far-se-á pelo corpo central do edifício, mesmo por onde entraram, décimo quarto, os suspeitos de contágio que vierem a cegar transitarão imediatamente para a ala dos que já estão cegos, décimo quinto, esta

comunicação será repetida todos os dias, a esta mesma hora, para conhecimento dos novos ingressados. O governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. Boas noites. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 50 e 51)

Podemos notar nesse trecho a forma de poder que o governo utiliza, é total manipulável, pois se inicia afirmando que o governo tem as responsabilidades, mas ao mesmo tempo começa a fazer várias imposições absurdas, é notório que a intenção em colocar pessoas em manicômios não para que haja um dialogo entre pacientes e seus médicos, tudo é uma questão de ordenar e obedecer. A relação de poder entre o governo e os cegos vai cada vez mais tomando forma, a narrativa coloca o cego como um ser sem nenhuma perspectiva e esperança. Não há cura para uma doença que nunca existiu, não tem como saber como começou e nem o porquê, é impossível saber a forma de contágio, até porque a mulher do médico não cega.

Assim, os cegos ficam de mãos atadas a mercê do governo, que por sua vez, os trata como animais, ou melhor, como animais imundos e doentes. Colocar pessoas cegas presas em um ambiente totalmente desconhecido, sem ajuda de ninguém, ultrapassa o significado da palavra desumano. Não só pelo fato de estarem cegos, mas pelo fato de não terem escolhas, de serem sempre fantoches que irão precisar obedecer todas as ordens, pois é isso ou a morte, apesar do sofrimento que a cegueira causa, as pessoas clamam por vida, independentes de estarem cegos ou não. Não é sobre aceitar a cegueira, é sobre aprender a conviver com ela, eles precisam de no mínimo um apoio, porém, são cada vez mais encurralados para o caos piorar. O governo não podia exterminá-los um a um, mas podia dar motivos aos cegos para ele comecem a matar um a um. Dentro da obra existem quatro opções de lugares para colocar os internados, um é o manicômio, o outro o hipermercado fechado, outro são instalações do exercito e o último é uma feira. Conforme vão descrevendo os locais disponíveis, o leitor vai notando que cada vez mais o descaso vai aumentando e que os cegos só são uma mancha que precisa ser isolada.

[...] Temos um manicômio vazio, devoluto, à espera de que se lhe dê destino, umas instalações militares que deixaram de ser utilizadas em consequência da recente reestruturação do exercito, uma feira industrial em fase adianta de acabamento, e há ainda, não conseguiram explicar-me porquê, um hipermercado em processo de falência, Na sua opinião, qual deles serviria melhor aos fins que temos em vista. O quartel é o que oferece melhores condições de segurança, Naturalmente, Tem porém um inconveniente, ser demasiado grande, tornaria difícil e dispendiosa a vigilância dos internados, Estou a ver, Quanto ao hipermercado, haveria que contar provavelmente, com impedimentos jurídicos vários, questões legais a ter em conta, E a feira,

A feira, senhor ministro, creio ser preferível não pensar nela, Porquê, A indústria não gostaria com certeza, estão ali investidos milhões, Nesse caso, resta o manicômio, Sim, senhor ministro, o manicômio, Pois então que seja o manicômio. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 46)

Podemos observar nesse trecho os motivos claros para a escolha. Primeiro, é a questão de instalação fácil, ou seja, já existiam camas hospitalares, camaratas separadas, refeitório, banheiros, salas para médicos e muito espaço livre para que os internos pudessem transitar. De fato, não podemos negar que a escolha teve também um lado sensato. Contudo, não para por aí, sabemos da subordinação que pacientes dos manicômios sofrem, logo esse se torna o segundo motivo, eles enjaularam animais cegos e falaram “se vira com a caridade que fazemos”, sempre que a voz dos comandantes aparece é como um tom de ironia, mostrando poder.

Nesse mesmo trecho eles falam que as instalações do exército era mais segura, tanto para os internados, quanto para os de fora, mas logo é lembrando que era um espaço muito grande, assim seria mais difícil de conter os internados. Não há intenção de ajuda lá dentro, a ideia é apenas isolar todos os cegos, sem trato algum, é tanto que o governo pede para o exercito tomar de conta, de algo que deveria ser tomado de conta por médicos e estudiosos. É preciso ter total poder da situação, sem que haja nenhuma interação com os contaminados.

Os soldados estavam ali para mostrar poder, como Foucault coloca, eles usam da repressão, usam do não e da prisão, como forma de conter, o que seria quase impossível, pois se os cegos fossem levados ao manicômio, da forma que foram levados, provavelmente não iriam de livre e espontânea vontade. A repressão é usada na obra para conter a cegueira, que não consegue ser contida com nada, arma nenhuma impede a contaminação, os próprios soldados acabam por se contaminar:

[...] Se um cego não vê, pergunto eu como poderá ele transmitir o mal pela vista, Meu general, esta deve ser a doença mais lógica do mundo, o olho que está cego transmite a cegueira ao olho que vê, já se viu coisa mais simples, Temos aqui um coronel que acha que a solução era ir matando os cegos à medida que fossem aparecendo, Mortos em vez de cegos não alteraria muito o quadro, Estar cego não é estar morto, Sim, mas estar morto é estar morto é estar cego, Bom, então vão ser uns duzentos, Sim, E que fazemos aos condutores dos autocarros, Metam-nos também lá dentro. Nesse mesmo dia, ao fim da tarde, o ministério do Exército chamou o ministério da Saúde, Quer saber a novidade, aquele coronel de quem lhe falei cegou, A ver agora que pensará ele da ideia que tinha, Já pensou, deu um tiro na cabeça, Coerente atitude, sim senhor, O exercito está sempre pronto a dar exemplo. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 111)

A solução que parece ser mais rápida e eficaz é a morte, nesse trecho o que notamos é a ironia que o autor usa, para falar da relação de poder entre os ministérios e os cegos, quando o coronel cega, o ministério da saúde, acredita que ele possa mudar de ideia, no entanto, ele se mata, e o ministério do exercito coloca como um exemplo a ser seguido. Temos uma dualidade aqui, o órgão responsável pela saúde que por sua vez demonstra um pouco de empatia perante os cegos e o órgão responsável pela disciplina que está preocupado em exterminar o mal pela raiz. Veja que mais uma vez não aparece nomes, a colocação é dada pela relação de poder entre os dois órgãos que ficaram responsáveis em cuidar dos cegos. Como Foucault coloca, existe a relação saber-poder, que faz com que pessoas que ocupem determinadas posições na sociedade, exerçam o poder da forma que for mais conveniente para si, quando a obra coloca a conversa entre dois órgãos, o que se entende é que aquelas ordens são de nível superior, porque não importa que teve a iniciativa, ou seja, a pessoa que pensou naquela solução, o que importa é de onde veio a solução, se veio dos responsáveis pela saúde e segurança dos cidadãos, logo não há o que ser contestado.

As ordens eram dadas sem que houvesse nenhuma negociação, os cegos não podiam ter outras doenças ali dentro, porque a ordem era de não enviar medicamentos ou médicos para o socorro, a tentativa de um dos cegos de pedir remédio resultou em sua morte. O que ironicamente não adiantou de nada, posto que os soldados se contaminaram da mesma forma, na verdade nenhuma medida protetiva foi capaz de parar a cegueira. Não adiantava está perto ou longe, nada impediu o mal branco em toda a narrativa. Exceto pela mulher do médico que ganha o mistério da obra, ela traz consigo a visão, assim como não se tem explicação para o mar de leite que toma os olhos de todos, nada explica a visão perfeita que a mulher do médico tem. Na obra não temos pista do espaço exterior, além de ruas que não tem nomes, logo, neste trabalho falaremos dos dois principais espaços, que é o manicômio que já foi citado, e a casa do médico que por sua vez se torna o apogeu do cego. É na chegada em sua casa que tudo parece ganhar um alívio, uma paz. Todo caos que lá fora se encontrava, estava isolado deles. A cegueira vem na obra para deixar tudo mais intenso inclusive os outros sentidos, fora os sentidos que o ser humano carrega, ainda temos todo o exterior que se intensifica com cada detalhe, seja a crueldade, seja a bondade, seja a dor, seja o conforto e nesse segundo espaço, o que temos é a intensidade de sentimentos bons, finalmente o núcleo principal está a salvo de monstros. Quando eles chegam a casa do médico e uma chuva toma de conta da cidade, há uma tentativa incessante de limpeza de corpo e alma:

[...] Que não pare, que esta chuva não pare, murmurava enquanto buscava na cozinha os sabões, os detergentes, os esfregões, tudo o que pudesse servir para limpar um pouco, ao menos um pouco, esta sujidade insuportável da alma. Do corpo, disse, como para corrigir o metafísico pensamento, depois

acrescentou, É o mesmo. Então, como se só essa tivesse de ser a conclusão inevitável, a conciliação harmônica entre o que tinha dito e o que tinha pensado, despiu de golpe a bata molhada, e, nua, recebendo no corpo, umas vezes a carícia, outras vezes a vergastada da chuva, pôs-se a lavar as roupas, ao mesmo tempo que a si própria. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 265)

A água vem como um ato de purificação, ela escorre levando toda a sujeira, que reside em si, dentro e fora do corpo, é nesse momento que se tira todo aquele peso que o manicômio trouxe. Junto do corpo, das roupas, também se lava a alma, Bachelard afirma que “a casa mais ainda que a paisagem, é um estado de alma. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade”. Dessa forma, aquele momento em que a chuva cai, sobre a intimidade da mulher do médico, há uma forte ligação entre casa e personagem, como se a casa se transformasse em um templo de purificação e a chuva fosse uma benção que escorria por entre as pernas. Até porque quando ela fala da chuva, existe um tom quase que sexual, o narrador coloca a chuva de forma que são carícias, o próprio banho e a nudez, já remetem a intimidade maior, do ser humano com o próprio corpo, assim, podemos dizer que a casa lhe colocou em um ápice de profunda intimidade consigo mesma, remetendo a segurança e conforto.

A cena que sintetiza toda a beleza do encontro entre os personagens, está descrevendo o banho “da mulher de dois olhos e seis braços”, na varanda em um dia de chuva, tudo é muito simples dentro daquele cenário, mas cada detalhe é articulado pelo narrador de forma que o leitor não aprecie uma simples cena, mas sim uma obra de arte:

[...] Não podem imaginar que estão além de três mulheres nuas, nuas como vieram ao mundo, parecem loucas, devem ser loucas, pessoas em seu perfeito juízo não se vão pôr a lavar numa varanda expostas aos reparos da vizinhança, menos ainda naquela figura, que importa que todos estejamos cegos, são coisas que não se devem fazer, meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo, como desce entre os seios, como se demora e perde na escuridão da púbis, como enfim alaga e rodeia as coxas, talvez tenhamos pensado mal delas injustamente, talvez não sejamos capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez na história da cidade, cai do chão da varanda uma toalha de espuma, quem me dera ir com ela, caindo interminavelmente, limpo, purificado, nu. Só Deus nos vê, disse a mulher do primeiro cego, que, apesar dos desenganos e das contrariedades, mantém firme a crença de que Deus não é cego, ao que a mulher do médico respondeu, Nem mesmo ele, o céu está tapado, só eu posso ver-vos [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 266)

O narrador se confunde com personagem, mostrando julgamento e destreza ao falar dessa cena, que inicialmente é vista como mulheres loucas e em seguida, o próprio narrador se reitera, as colocando de forma superior com sua nudez. Bataille (1987) diz que “a nudez

arruína a decência que nos damos através das roupas”, fazendo assim com que tudo ao redor seja desconcertante, por isso o narrador as coloca como loucas, pois parece devaneio tomarem banho tão expostas, mesmo que todos ao redor estejam cegos. Cada detalhe que é colocado na descrição da cena vai dando um ar de intimidade naquela atmosfera, até mesmo a forma como a espuma branca se move pelo chão, traz ligação com o mal branco que atormenta a população. E acena se finaliza da seguinte forma:

[...] A mulher do médico tem nervos de aço, e afinal a mulher do médico está desfeita em lágrimas por obra do pronome pessoal, de um advérbio, de um verbo, de um adjetivo, meras categorias gramaticais, meros designativos, como o são igualmente as duas mulheres mais, as outras, pronomes indefinidos, também eles chorosos, que se abraçam à da oração completa, três graças nuas sob a chuva que cai. São momentos assim que não podem durar eternamente, há mais de uma hora que estas mulheres aqui estão, é tempo de sentirem frio [...](SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 267)

Durante a narrativa, nos deparamos com citações bíblicas e a busca da fé, naquele ambiente havia de ter um Deus para salvar aquelas almas. Então a obra cita passagens bíblicas, sempre na intenção de mostrar uma lição, durante a busca por comida, a mulher do médico entra numa igreja com seu marido e se surpreende, pois todas as imagens estão vendadas, os santos que estão ali para rogar por todos os fieis estão de olhos tapados com panos, quando ela explana como seu marido que as imagens não veem, ele retruca falando que ela estava enganada, pois as imagens veem, através dos olhos de quem as veem (pág. 302). Veja, como o caos da cidade tornou até mesmo o ambiente da igreja, onde se busca a paz, um ambiente duvidoso, se os santos estão de olhos fechados para eles, quem poderia salvá-los? Como eles poderiam se salvar, se quem intercede por eles estavam vendados? Havia mesmo uma salvação?

[...] Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista, tornei-me -ei a mais cega cada dia porque não terei quem me veja, Se foi o padre quem tapou os olhos das imagens, É só uma ideia minha, É a única hipótese que tem um verdadeiro sentido, é a única que pode dar alguma grandeza a esta nossa miséria, imagino esse homem a entrar aqui vindo do mundo dos cegos, aonde depois teria de regressar para cegar também, imagino as portas fechadas, a igreja deserta, o silêncio, imagino as estátuas, as pinturas, vejo-o rir de uma para outra, a subir aos altares e a atar os panos, com dois nós, para que não deslancem e caiam, a assentar duas mãos de tinta nas pinturas para tornar mais espessa a noite branca em que entraram, esse padre deve ter sido o maior sacrílego de todos os tempos e de todas as religiões, o mais justo, o mais radicalmente humano, o que veio aqui para declarar finalmente que

Deus não merece ver. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 302)

Durante a obra o leitor se questiona junto com a mulher do cego, porque só ela enxerga, pois não há uma explicação para tal façanha, quando ela entra na igreja, ambiente de conforto, ambiente que acolhe, não há nada de acolhedor, os santos que intercedem por todos estão vendados para que não presenciem aquela atrocidade que estava acontecendo, nessa cena ela coloca a atitude do padre como maior sacrilégio assim como maior ato de humanidade, a mesma diz que Deus não merece ver aquilo, ela não aguenta mais ver tudo que aparece em sua frente. É um desabafo desesperado em busca de um aconchego com o criador. Ver naquela situação não lhe trouxe nenhum poder, apenas mais sofrimento, parece egoísta da parte dela querer ser uma cega também, para se livrar do fardo, mas o ser humano carrega dentro de si uma imensidão, que Bachelard (1987) vai chamar de imensidão íntima, é o espaço que o ser humano carrega dentro de si. A mulher do médico durante toda a narrativa sonha com o cegar, pois se sente só em meio aos cegos, ela não se sente no direito de reclamar por enxergar, mas carrega um fardo imenso, ao entrar na igreja aparece um sentimento de revolta ao mesmo tempo que surgiu um sentimento de alívio, pois se até os santos e Deus não podem ver aquilo tudo, então é sinal de que não há maldade em querer cegar, a mesma se vê como a mais cega dentre os cegos, não consegue encontrar uma resposta para o seu não cegar. Essa imensidão íntima vai mostrando-a que é natural não querer ser parte daquilo tudo, mais do que ser parte daquilo, não é natural que ela enxergue, posto que todos estão cegos, mesmo que esteja “imóvel” diante da situação.

O enredo vai se finalizar com o mesmo mistério que se iniciou, sem explicação alguma. Todos voltam a enxergar como se em um passe de mágica, o mar de leite tivesse sido apagado dos olhos de todos os cegos:

[...] Que tens, perguntou-lhe a mulher, e ele respondeu estupidamente, sem abrir os olhos, Estou cego, como se essa fosse a última novidade do mundo, ela abraçou-o com carinho, Deixa lá, cegos estamos nós todos, que lhe havemos de fazer, Vi tudo escuro, julguei que tinha adormecido, e afinal não, estou acordado, É o que deverias fazer, dormir, não pensar nisso. O conselho aborreceu-o, ali estava um homem angustiado como só ele sabia, e a sua mulher não tinha mais nada para lhe dizer senão que fosse dormir. Irritado, já com a resposta azeda a sair-lhe da boca, abriu os olhos e viu, Viu e gritou, Vejo. O primeiro grito ainda foi o da incredulidade, mas com o segundo, e o terceiro, e quantos mais, foi crescendo a evidência, Vejo, vejo, abraçou-se à mulher como louco, depois correu para a mulher do médico e abraçou-a também, era a primeira vez que a via, mas sabia quem ela era, e o médico, a rapariga dos óculos escuros, e o velho da venda preta, com este não poderia haver confusão, e o rapazinho estrábico, a mulher ia atrás dele,



não o queria largar, e ele interrompia os abraços para abraça-la a ela [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira págs. 306 e 307)

O que se pode observar é que agora a narrativa, vai voltando com a visão de cada um na mesma ordem que foi tirada, começando pelo o primeiro cego e assim sucessivamente até chegar o velho da venda preta. O espaço escolhido para a sequência da recuperação das visões é a sala do médico, onde estão todos ansiosos esperando a sua vez. O local costuma ser o cômodo mais receptivo de uma casa, é também o local de espera, canto cheio de ansiedade e medos. Quando todos já estavam com a visão recuperada, decidiram ir para a varanda, para ver o resto das pessoas clamarem sua visão, é quando surge a indagação sobre terem cegado, ninguém pode responder, mas o médico mais uma vez ressalva, “penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.” A partir dessa frase, a obra ganha o seu fim, termina como inicia, sem explicação, sem razão provável, só uma espécie de alegoria, onde só enxergamos o que queremos, que não olhamos um palmo a nossa frente, a cegueira está em cada um.

### **3- Espaços do visível ao invisível**

*“Já éramos cegos momento em que cegámos.”*

(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira –pág. 131)

Os espaços são descritos a partir do momento da cegueira, onde cada cenário é montado como uma forma de aconchego e caos ao mesmo tempo, pois é mostrado um ambiente de conforto e costume, que no momento da cegueira torna-se um completo caos. O mal branco domina não só o físico, mas o mental, as personagens perdem todo seu equilíbrio. O narrador onisciente da obra nos permite conhecer com profundidade os ambientes e as sensações que eles causam, nos dando uma obra extremamente imagética. Assim começarei a descrever os ambientes que encontramos na obra.

O primeiro cenário é dado pelo primeiro cego, que estava parado no trânsito e a última imagem que observa é o sinal vermelho, depois disso, tudo fica branco, os motoristas são tomados pela fúria, ninguém entende o motivo daquele carro está parado atrapalhando todo o movimento da rua, até que um homem se dispõe a ajudar o primeiro cego, que só sabe falar que cegou e que tudo está branco. O homem que parece muito gentil, leva aquele pobre cego

para casa, o cego dá as coordenadas e o endereço. Chegando em casa ele é colocado sentado em uma poltrona com todo cuidado, o homem gentil vai embora e leva consigo o carro. O homem não era gentil, era apenas um ladrão de carros que viu uma oportunidade única, roubar um carro de um recém cego.

O primeiro cego não sabe se movimentar na própria casa, parece estar perdido no seu ambiente de conforto, é desesperador se encontrar em um mar de leite, como ele mesmo descreve.

[...] Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem é negra, Pois eu vejo tudo branco [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 13)

[...] Agora, pelo contrario, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorara, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os por essa maneira, duplamente invisíveis. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 16)

Ao se desesperar, ele vai com a esposa ao oftalmologista, procurar ajuda, tentar acabar com o mal branco. Chegando no consultório ele se depara com os personagens que fazem parte do núcleo principal até o fim da obra.

[...] Havia um velho com uma venda preta num dos olhos, um rapazinho que parecia estrábico acompanhado por uma mulher que devia de ser a mãe, uma rapariga dos óculos escuros [...] mas nenhum cego, os cegos não vão ao oftalmologista [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 21)

Perceba que nesse trecho, ele descreve cada um dos personagens pelas características trazida nos olhos, assim como também ele caracteriza todo o núcleo principal da trama, com exceção da mulher do médico. A partir do primeiro cego começa a desencadear as cegueiras dos demais personagens, como se fosse um encadeamento único do efeito dominó. Cada descrição que é feita, denota ao mesmo instante para todos, começando a descrição pelo ladrão, que pega o carro e antes de chegar ao seu destino final cega. O terceiro a cegar é o oftalmologista, que está debruçado em livros na sua casa, procurando entender sobre a cegueira branca, que é algo totalmente inusitado na literatura da medicina dos olhos, porém seu conhecimento, leitura e estudo, não adiantam em nada, pois o mesmo cega como num piscar de olhos.

[...] Há mil razões para que o cérebro se feche, só isto, e nada mais, como uma visita tardia que encontrasse cerrados os seus próprios umbrais. O oftalmologista tinha gostos literários e sabia citar a propósito. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 29)

[...] A mulher já se tinha retirado, lembrava-se vagamente de que ela se aproximara um momento e lhe dera um beijo no cabelo, Vou-me deitar, devia ter dito, a casa estava agora silenciosa, em cima da mesa os livros espalhados, Que será isto, pensou, e de súbito sentiu medo, como se ele próprio fosse cegar naquele instante seguinte e já o soubesse. Susteve a respiração e esperou. Nada sucedeu. Sucedeu um minuto depois, quando juntava os livros para os arrumar na estante. Primeiro percebeu que tinha deixado de ver as mãos, depois soube que estava cego. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 30)

O médico cega em seu momento de estudo, onde procurava resposta e não achava, na sala de sua casa, no conforto do lar, debruçado em livros. O cenário é descrito como um local de paz, no entanto nada do que lera dera a resposta que procurava, não tinha noção do que seria uma cegueira branca. Aquele mal lhe atormentava a cada minuto, a mulher lhe aparece como seu aconchego maior, assim como ela o faz durante toda a narrativa. Uma personagem que inicialmente só aparece como um acalanto, se torna todo seu apoio, e apoio dos demais personagens em toda sua trajetória, a sensação de que estava cegando trazia medo, pois não sabia o que esperava, ele olhava tudo atentamente no medo de perder a visão, a certeza da perda de visão, lhe trouxe angústia. Andar pela sua casa nunca fora tão difícil, mesmo tendo detalhado o ambiente antes de cegar, a casa não lhe parecia a mesma. Ele também não queria incomodar a sua esposa, chegar ao seu quarto nunca fora tão complicado como naquela madrugada, deitar e esperar o dia raiar, sem ao menos ver um raio de luz, ou melhor, só vendo o raio de luz.

[...] Teve coragem de se deitar sem acordar a mulher, nem sequer quando ela, murmurando meio adormecida, se moveu na cama para o sentir mais próximo. Horas e horas acordado, o pouco que conseguiu dormir foi de puro esgotamento. Desejava que a noite não acabasse para não ter de anunciar, ele cujo o ofício era curar as mazelas dos olhos alheios, Estou cego, mas ao mesmo tempo queria que chegasse rapidamente a luz do dia, com estas exatas palavras o pensou, A luz do dia, sabendo que não a iria ver [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 37)

Nem mesmo o raiar do dia ele pudera ver, porque o raiar já estava em seus olhos, o seu quarto que lhe trazia aconchego, é o objetivo do cômodo, dentro da casa, o quarto é o que há de mais íntimo em nós, Bachelard em “A poética do espaço”, afirma que “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos”. Assim, quando o espaço casa é descrito pelo oftalmologista, vemos essa interação de casa pensamento o tempo inteiro, aquele ambiente é seu apogeu, ali tudo se modifica do mais sublime sentimento, para o a maior angústia já sentida pelo personagem, há uma procura de explicação para o mal branco, assim como há uma procura de explicação para o contágio, não há respostas em nenhum dos casos.

A terceira cegueira a aparecer é a da Rapariga dos óculos escuros, a mesma foi ao consultório do médico para tratar de uma simples conjuntivite, ao sair do consultório, passou na farmácia, comprou os remédios e foi ao hotel atender a um cliente. A cegueira da Rapariga dos Óculos escuros, é a representação de “*la petite mort*”, onde durante um orgasmo, no ponto mais alto do prazer, ela cega.

[...] Um pouco mais tarde como uma turista que sobre ao quarto a descansar depois de ter passado a tarde nos museus, dirigiu-se ao ascensor. A virtude, quem o ignorará ainda, sempre encontra escolhos no duríssimo caminho da perfeição, mas o pecado e o vício, são tão favorecidos da fortuna que foi ela chegar e abrirem-se -lhe, as portas do elevador. Saíram dois hóspedes, um casal idoso, ela passou para dentro, permitiu o botão do terceiro andar, trezentos e dose era o número que a esperava, é aqui, bateu discretamente à porta, dez minutos depois estava nua, aos quinze gemia, aos dezoito sussurrava palavras de amor que já não tinha necessidade de fingir, aos vinte começava a perder a cabeça, aos vinte um sentiu que o corpo se lhe despedaçava de prazer, aos vinte dois gritou, Agora, agora, e quando recuperou a consciência disse, exausta e feliz, Ainda vejo tudo branco [...]  
(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 33)

Todos os ambientes que ela passa tem uma leveza, ela parece ter a sorte de estar ali em cada local, como se todos os momentos fossem exatamente calculados, muito rapidamente o ato sexual se inicia, não precisa de fingimento ou jogo de conquista. Ela está ali apenas pelo dinheiro, e ele só quer o ato sexual, cada minuto é contado de forma peculiar, o narrador vai deixando o leitor cada vez mais próximo do clímax, até que chega, e com sua chegada, a cegueira vem junto. O espaço é dado por um quarto de hotel, um ambiente de trabalho comum, não existe apego emocional, nem intenção de retorno, apenas um quarto de hotel, nada mais que isso. Bataille (1987) descreve o clímax da seguinte forma:

[...] A volúpia está tão próximo da dilapidação ruínosa que nos chamamos de *petite mort* o momento de seu paroxismo. Em consequência disso, os aspectos que evocam para nós o excesso erótico representa sempre uma desordem. [...] (BATAILLE, 1987; pág. 112)

Assim a desordem que envolve o ato sexual, dito por Bataille, é descrito nessa cena, no momento que o ato inicia, há uma desordem emocional e profissional. O clímax chega em vinte dois minutos de penetração, o narrador coloca como um ato de puro prazer, a própria personagem coloca a cegueira em meio ao clímax, quando ela fala “Ainda estou vendo tudo branco”, esse adverbio (ainda), aparece para dá uma ênfase ao orgasmo, o narrador a coloca como exausta e feliz antes da cegueira. Apesar dela está fazendo sexo apenas por dinheiro, nesse momento ela atinge o total prazer, que em seguida se transforma em desespero e toda desordem que apenas aparecia no corpo, começa a tomar de conta de todo o ambiente.

Nesse momento da narrativa é como se tudo estivesse acontecendo ao mesmo tempo, como se a cegueira tivesse tido uma contaminação instantânea, e a forma como o narrador coloca, é como um efeito dominó, onde o principal núcleo estivesse começando ali uma ligação que não teria como desvincular e nem como prever, uma ligação quase que sobrenatural. A cegueira vem com tudo, junto dela como a surgir a força que é atrelada ao medo. Aqui são descritos os ambientes em que os personagens estavam antes de cegar, alguns dos cegos não vão detalhar o ambiente, como é o caso do menino estrábico, talvez por se uma criança que chega sem a mãe ao abrigo. O último a contar sobre sua experiência é o velho da venda preta, diferente do restante, o senhor que sofre de catarata, estava admirando a arte em um museu, quando começa a ver tudo branco:

[...] O último que eu vi foi um quadro, Um quadro, repetiu o velho da venda preta, e onde estava, Tinha ido ao museu, era uma seara com corvos e ciprestes e um sol que dava a ideia de ter sido feito com bocados doutros sóis, Isso tem todo o aspecto de ser de um holandês, Creio que sim, mas havia também um cão a afundar-se já estava meio enterrado, o infeliz, Quanto a esse, só pode ser de um espanhol, antes dele ninguém tinha pintado assim um cão, depois dele ninguém mais se atreveu, Provavelmente, e havia uma carroça carregada de feno, puxada por cavalos, a atravessar uma ribeira, Tinha uma casa à esquerda, Sim, Então é de inglês, Poderia ser, mas não creio, porque havia lá também uma mulher com uma criança no colo, Crianças ao colo de mulheres é do mais que se vê em pintura, De fato, tenho reparado, O que eu não entendo é como poderiam encontrar-se em um único quadro pinturas tão diferentes e de tão diferentes pintores [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira – pág. 130)

Ao falar de sua cegueira, o velho da venda preta vai descrevendo vários quadros que o mesmo avistou no museu, mas ele faz isso como se fosse um quadro só, como se tudo estivesse muito desordenado em sua mente. É interessante que a primeira visão dele é de vários corvos, em um ambiente de plantações, e todos os outros fatos parecem aleatórios a um quadro. O corvo aparece em algumas obras como um elemento sombrio e misterioso, como Poe relata em **A filosofia da composição**. O que não podemos deixar de notar, é que diferente dos outros cegos, que descrevem o momento de sua cegueira, o velho aparece na obra de forma tardia e longe de sua zona de conforto, ele está descobrindo o novo dentro da arte, observando imagens, aproveitando cada dia de sua vida, pois a catarata lhe assombra, e de repente ele cega completamente, e tudo que eram obras de arte, se transformam em um papel branco, limpo e sem possibilidade de pintura alguma.

### 3.1 Espaços invisíveis

*“A luz não os deixam ver.”*

(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 260)

Chegando ao abrigo o médico não conseguia identificar onde estavam, assim como ele, os outros internados iam chegando também não sabiam onde estavam. Sempre em suas camas, suas camaratas. Não é só a camarata que eles não enxergam, o cegos só veem o mar branco que toma os seus olhos. Eles não só estão presos em um prédio, eles estão presos por um órgão. Mas eles só percebem isso quando os cegos entram em guerra e finalmente eles conseguem sair do manicômio:

[...] Então, para simplificar, aconteceu tudo ao mesmo tempo, a mulher do médico anunciou em altas vozes que estavam livres, o telhado da ala esquerda veio-se abaixo com medonho estrondo, esparrinhando labaredas por todos os lugares por todos os lados, os cegos precipitaram-se para a cerca gritando, alguns não conseguiram, ficaram lá dentro, esmagados contra paredes, outros foram pisados até se transformarem numa massa informe e sanguinolenta, o fogo que de repente alastrou fará de tudo isto cinzas. O portão está aberto de par em par, os loucos saem. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 210)

Veja como esse último trecho do capítulo nos apresenta os cegos, como loucos, não são mais apenas cegos, agora já teriam perdido toda sua sanidade diante de todos os fatos, o espaço os fez de loucos. Durante a fuga, muita desgraça acontece, em meio ao tumulto, sangue, fogo e desabamento marcam o fim do manicômio e o que antes era apenas uma mar de leite, se transforma em cinzas.

[...] Diz-se a um cego, Estás livre, abre-se -lhe a porta que o separava do mundo, Vai, estás livre, tornamos a dizer-lhe, e ele não vai, ficou ali parado no meio da rua, ele e os outros, estão assustados, não sabem para onde ir, é que não há comparação entre viver num labirinto racional, como é, por definição manicômio, e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade, onde a memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar as imagens e os lugares e não os caminhos para lá chegar. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 211)

É nesse ato de liberdade que se percebe que de nada serviria ter liberdade do manicômio, pois suas lembranças só poderiam ficar na cabeça, no espaço pensamento que Brandão (2013), ressalva em sua obra, a partir de agora eles só tem o lugar pensamento que de nada serve, posto que não os guiará para nada, pois eles ainda veem tudo branco, a verdadeira

prisão não era o manicômio, e sim o mal branco que os afetavam, não tinha como se libertar dessa prisão, ninguém poderia ajudar aqueles cegos, que agora estão em liberdade presos no próprio corpo. A cidade está cheia de cegos que não sabem chegar lugar nenhum. O núcleo principal é guiado pela mulher do médico até chegarem em sua casa.

### 3.2 Espaços visíveis

*“E serenamente desejou estar cega também.”*

(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira – pág. 65)

A mulher do médico com muita sagacidade, prepara a mala do seu marido, colocando algumas de suas peças de roupas também, prepara tudo com carinho e assim que a ambulância vem pegar seu marido ela fala:

[...] Tem de me levar também a mim, ceguei agora mesmo [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 44)

A sua intenção é ajudar ao seu marido, veja que até o seu nome tem vínculo direto com seu marido, pois ela não possui nenhum problema de visão e é colocada na obra como a guia de seu esposo, que está cego e é inserido em um ambiente totalmente diferente, ninguém quer ajudar aos cegos, logo, a Mulher do médico sente a necessidade de ajudar mesmo que isso lhe custe a visão. A espera pela cegueira já é certa, ela não temia mais nada, só esperava que sua hora chegasse. Chegando ao abrigo ela confessa ao seu marido que nunca cegara, mas que também não sairia daquele local de forma alguma, cabe ao marido aceitar, é sem dúvida uma personagem muito forte e decidida.

[...] Ao mesmo tempo que ia arrastando a mala, a mulher guiava o marido para a camarata que se encontrava mais perto da entrada. Era comprida como uma enfermaria antiga, com duas filas de cama que tinham sido pintadas de cinzento, os lençóis e as mantas eram da mesma cor. A mulher levou o marido para o fim da camarata, fê-lo sentar-se em duas camas, e disse-lhe, Não saias daqui, vou ver como isto é. Havia mais camaratas, corredores longos e estreitos, gabinetes que deviam ser de médicos, sentinas encardidas, uma cozinha que ainda não perdera o cheiro de má comida, um grande refeitório com grandes mesas de tramos forrados de zinco, três celas acolchoadas até a altura de dois metros e forradas de cortiça daí para cima. Por trás do edifício havia uma cerca abandonada, com árvores mal cuidadas,

os troncos davam a ideia de terem sidos esfolados. Por toda parte se via lixo. A mulher do médico voltou para dentro. Num armário que estava meio aberto encontrou camisas de forças. Quando voltou a juntar-se ao marido, perguntou-lhe, És capaz de imaginar aonde nos trouxeram, Não, ela ia acrescentar A um manicômio, mas ele antecipou- se -lhe, Tu não estás cega, Vou pedir-lhes que te levem para casa, dizer-lhes que os enganastes para ficar comigo, não vale a pena, de lá não te ouvem, e ainda que te ouvissem não fariam caso, Mas tu vês, Por enquanto, o mais certo é cegar também um dia destes, ou daqui um minuto, Vai-te embora, por favor, Não insistas, aliás aposto que os soldados nem me deixariam pôr um pé nos degraus, Não te posso obrigar, Pois não, meu amor, não podes, fico para te ajudar, e aos outros que aí venham, mas não lhes digas que eu vejo, Quais outros, Com certeza não crês que vamos ser os únicos. Isto é uma loucura, Deve de ser, estamos num manicômio [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira págs. 47 e 48)

O narrador vai norteando os passos, assim como a mulher do médico vai norteando o seu marido, ela insiste em ficar no manicômio junto ao marido, sem saber ao menos o que espera, o que vai chegar e como tudo vai ser. É literalmente um tiro no escuro, ou melhor, um tiro no mar branco, não há notícias de cura, ou de relatos onde essa doença já tenha acontecido. É tudo muito misterioso. A Mulher do médico entra na obra como um elemento de força, coragem, se colocar cega é sua única saída para está junto ao seu marido, ele que é um médico dos olhos, naquele momento não é nada, além de um cego como qualquer outro. A mulher do médico sai olhando tudo ao seu redor, analisando as camaratas, os banheiros, refeitório, tudo de forma sorrateira, ainda estava por vim mais cegos, mas ela não podia falar de sua visão, ela queria ajudar, mas não desejava a escravidão. A cada cego que chegava a camarata, ela detalhava, na intenção de guardar na memória, pois nada impedia dela ser a próxima cega.

[...] Pela primeira vez, desde que aqui entrara, a mulher do médico sentiu-se como se estivesse por trás de um microscópio a observar o comportamento de uns seres que não podiam nem sequer suspeitar sua presença, e isto pareceu-lhe subitamente indigno, obsceno, Não tenho direito de olhar se os outros não me podem olhar a mim, pensou. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 71)

Ser a única a enxergar lhe trouxe muita angustia diante daquela situação de se colocar como observadora oculta, além do mais ela não podia se revelar como alguém que ver, muito coisa estava em jogo, assim ela se solidificava em seu canto, junto ao marido. Bachelard afirma que o canto é o lugar de refugio, onde esperamos o medo passar e pode ser caracterizado de diversas formas, no caso da mulher do médico, o canto que ela escolhe é a sua cama, onde se torna o seu observatório, essa situação não a deixa feliz por diversos acontecimentos, posto que além de ver o que não se quer, ela ainda não pode fazer nada a respeito, como por exemplo, ajudar os cegos a acharem uma cama vaga.



[...] Não queria nem pensar nas consequências que resultariam da revelação de que não estava cega, o mínimo que lhe poderia acontecer seria ver-se transformada em serva de todos, o máximo talvez fosse converterem-na em escrava de alguns. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 93)

A mulher do médico é a única a enxergar dentro dessa narrativa. Com isso, ela se torna os olhos dos demais cegos (do núcleo principal), mas até que ponto é vantagem enxergar na situação que se encontram? A sua visão não a impediu de ser estuprada, não a impediu de ser agredida, pelo contrário, o que a diferencia é a força que a mesma traz diante das situações mais caóticas que ela pôde presenciar. Durante a narrativa, ela espera seu momento de cegueira chegar, é quase como um desejo, que parece egoísmo ou até mesmo loucura, a obra não deixa claro o motivo de só ela enxergar, isso a deixa muito perturbada em relação a si mesma, não parece um presente divino, pelo contrário, parece uma praga. Quando finalmente ela se revela enxergando, tira um peso das costas e já coloca outro, o de ajudar por obrigação aqueles ao seu redor.

#### **4 - Em terra de cegos quem tem um olho é rei?**

*“Já lá dizia o outro que na terra dos cegos quem tem um olho é rei, Deixa lá o outro, Este não é o mesmo, Aqui nem os zanolhos se salvariam.”*

(SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 103)

A cegueira é um tema recorrente nos textos literários, mas os seus sentidos vão mudar ao longo do tempo, dentre esses textos o conto **Em terra de Cegos** que foi escrito em 1899 por H.G. Wells, o conto vai narrar a história de uma comunidade afastada, onde todos os integrantes dessa comunidade são cegos, um dia um viajante cai de um pequeno penhasco e acaba nesse local cheio de mistérios e que para ele era apenas uma lenda. A partir desse momento ele tenta mostrar aos cegos que por ter visão, ele é superior, mas todos os cegos acham um devaneio tremendo, não existe a palavra ver na comunidade, logo tiram ele como um louco que para voltar ao normal, precisa arrancar os olhos. Durante **Ensaio sobre a cegueira**, a Mulher do médico aparece em toda a narrativa sem cegar. Ela é literalmente a única a enxergar em toda a cidade, quiçá no mundo, segundo a obra. Não se sabe o motivo

dessa façanha, não há uma explicação para que todos ceguem, assim como não há explicação para que só ela possa enxergar. Pode parecer vantagem ela enxergar, no entanto, é mais um meio de tortura dentro daquele caos que os aprisionaram. O seu desejo de cegar vai aparecendo em toda narrativa, como se fosse um pedido de socorro, pois enxergar só lhe trouxe mais sofrimento diante de tudo que ela presenciou.

No conto, o personagem a enxergar, tem orgulho de sua visão e de tudo que ela lhe proporciona, quando ele cai na terra de cegos, logo começa a achar que teria total vantagem dentre tantos cegos, o problema é que não houve nenhum interesse dos cegos em saber o que era visão, só acreditavam que era loucura dele. Entre a Mulher do médico e Núñez, a diferença está na relação de poder, no romance tem uma mulher, ou seja, pela sociedade machista que somos inseridas, mulher por natureza não tem poder. Assim, quando ela se vê como a única a enxergar, prefere o silêncio, pois sabe que não terá poder ali e sim será escrava, inclusive há o medo de ser morta, pelo simples fato de enxergar. Já no conto, ele é homem, onde o poder é maior, dessa maneira, o mesmo acha que pode mandar e logo se coloca como “superior” entre os cegos, o que ele não esperava é que os cegos não aceitariam a sua imposição.

[...] Os três homens pararam e moveram as cabeças como se estivessem olhando em torno deles. Viraram o rosto para lá e para cá, e Núñez gesticulou largamente. Mas eles não pareceram vê-lo, apesar de todos os seus gestos, e , depois de um tempo, dirigindo-se para as montanhas longínquas à direita, eles gritaram como em resposta. Núñez berrou de novo, e enquanto gesticulava de novo sem resultado, a palavra “cego” surgiu bem clara em seus pensamentos. “Esses loucos devem ser cegos”, disse. [...] (WELLS, H.G. – Em terra de cegos, pág. 500)

Nesse momento do conto Núñez, percebe que os homens são cegos, logo surge pensamentos mais ambiciosos, onde ele sempre fica repetindo em pensamentos “em terra de cegos, quem tem um olho é rei”, durante a caminhada até os anciãos, os cegos o carregam pelo braço e ele diz “posso ver” e em seguida tropeça, os cegos ficam sem entender o que significa a palavra “ver”, algo que aparentemente é tão corriqueiro, acaba se tornando uma piada entre os cegos, pois acreditavam que ele era um homem que surgiu da força da natureza, com uma deformidade no rosto e que falava coisas sem sentido e tropeçava feito criança que está aprendendo a andar. Diante dos cegos, Núñez era uma criança que tinha problemas com as palavras, algo tão inesperado para alguém que acreditava que seria “rei” naquela terra. O espaço é descrito como um ambiente natural, onde os cegos se movimentam sem temer em momento algum, eles conhecem cada local como a palma das mãos, diferente do Ensaio sobre

a cegueira, onde os cegos não sabem se movimentar, não conseguem ser independentes em meio ao caos.

Dentro das duas narrativas, o diferencial é que apesar de ambos enxergarem, a mulher do médico não pode falar de sua visão para não sofrer nenhuma violência, ou para não servir de escrava dos outros cegos, já Núñez, fala de sua visão o tempo inteiro e isso faz com que ele seja visto com uma deformidade. O cego, da terra de cegos nem sabem o que significa “ver, olhar, enxergar”, palavras usadas no dia a dia, não apenas para utilização dos olhos, mas como metáforas em vários momentos do cotidiano. Enxergar não é vantagem para nenhum dos dois personagens em momento nenhum das duas narrativas. Ele por não conseguir nada mais do que ser visto como um homem selvagem que tem órgãos no rostos que não o deixa pensar direito, e Ela por não deixar de passar por sofrimentos, estupros, dores e visões que ela preferia nunca ter tido, quando ela reclama de sua visão, seu marido diz “mas ainda podes ver”, como se ver fosse um dom e que ela não sabia o que falava, mas será que podemos falar que era vantagem para ela enxergar? Observando a narrativa, cada imagem que ela junto ao narrador, descrevem, é apenas de angustia.

Temos dois personagens que estão com a saúde dos olhos em perfeitas condições, em meio a um monte de cegos. Um grupo de cegos não sabe o que é ver e outro grupo acaba de perder a visão, de toda forma, os personagens que enxergam são singulares em seu espaço. A Mulher do médico, por exemplo, deseja a cegueira todos os dias, mas não para se igualar, e sim por não aguentar mais ver tudo aquilo. Ela vai ganhando força dentre os cegos, mas não se ver com essa força toda, uma vez que tem que se fazer submissa como qualquer mulher cega, em um mundo onde o homem tem o poder maior mesmo estando cego e ela não. Já Núñez, fica o tempo todo repetindo a ddiva da visão, e os cegos o veem como um louco que inventa lorotas e que para ficar bom, é preciso que arranque os seus olhos, pois são os olhos que o deixa com alucinações e o faz perder a percepção do mundo, pois os cegos se viravam melhor que ele dentro da comunidade, ter visão nesse caso o fez inferior aos demais cegos. Ambas as obras terminam de forma bem parecida:

[...] Os picos das montanhas em torno dele eram objetos de luz e fogo, e os pequenos detalhes das rochas próximas estavam inundados de beleza sutil – um veio de mineral verde furando o cinza, a luminosidade de cristais aqui e ali, um pequeno líquen laranja de garganta, o azul se aprofundando para o purpura, e o purpura para uma escuridão luminosa, e lá em cima estava a ilimitada vastidão do céu. Mas ele não mais estivesse satisfeito simplesmente por ter fugido do vale dos cegos, no qual tinha pensado ser rei. O brilho do pôr-do-sol passou, a noite chegou, e ele ainda estava quieto, deitado, em paz

e contente sob as estrelas frias e claras. [...] (WELLS, H.G. – Em terra de cegos, pág. 517)

[...] A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda estava ali. [...] (SARAMAGO, José, Ensaio sobre a cegueira pág. 310)

Podemos observar que ao final das duas narrativas há uma descrição detalhada do espaço em que estão inseridos naquele momento, Núñez está na sua fuga do vale dos cegos e começa a descrever toda beleza daquele ambiente, com detalhes minuciosos, como se quisesse provar para si próprio que o melhor que fez foi permanecer com a visão no lugar de ficar na terra dos cegos. A mulher do médico também vai descrever o que vê, mas com menos detalhe e mais medo, pois por um instante ela pensou que sua cegueira finalmente chegara. O que podemos conectar nas narrativas, é a questão da luz que aparece, encandeando a visão daqueles que enxergaram bem o tempo todo e também o fato de que Ela quis cegar durante toda a história e Ele ia tirar os olhos para se tornar igual aos moradores daquela comunidade, porém no ultimo instante percebem o poder de sua visão. Dando medo nela, medo de que a cegueira depois de tudo chegue e a devaste e nele o sentimento de arrependimento de um dia ter cogitado a ideia de arrancar seus olhos. Outro fator, é que os dois personagens estão observando de cima, Ele queria ser o rei daquele lugar e Ela era guia dos cegos, nenhum cega, no entanto ambos desejam a cegueira e agora olham que tudo continua igual, a cidade ainda é a mesma apesar de tudo e mesmo com a distancia é possível ver que o vale também continua o mesmo, o que mudou foram eles, mudaram as suas perspectivas em relação a visão e em relação ao mundo.

## Considerações finais

O espaço transforma o ser humano de diversas formas, trazendo experiências únicas a cada passagem por locais cotidianos ou novos horizontes, então por que não pensar na transformação do personagem dentro da obra literária, posto que cada personagem tem uma personalidade própria, cada local citado na obra tem uma história única, são espaços sociais e imaginários que se entrelaçam para que transforme o leitor. Dentro do **Ensaio sobre a cegueira** há uma redoma misteriosa e invisível que tapa a visão e consciência dos personagens. O narrador intruso, nos mostra detalhadamente cada espaço narrado, mas não nos deixa pistas de nomes de ruas, cidades ou até mesmo país, mesmo assim não é necessário, pois cada passagem da obra deixa claro a relação dos personagens com cada ambiente.

Dentro da obra temos alguns tipos de espaços que vão desde o espaço físico até o espaço pensamento. No espaço físico, vamos passando pelo espaço do visível ao invisível, mostrando os personagens em seus locais triviais, com total conforto e lucidez, no momento em que cegam e perdem a capacidade de se deslocar dentro das próprias casas. A narrativa traz também os espaços invisíveis, que nos guiam pela cegueira dos personagens, mostrando a insegurança, a falta de jeito, a perda da razão e o medo do que parece incurável. É nesse momento é que os cegos já não conseguem ter independência alguma, mesmo quando se encontram livres. Por fim, temos os espaços visíveis que são todos os espaços em que a mulher do médico passa e descrever, personagem icônica na obra por ser a única a enxergar durante toda obra, é com os olhos dela que toda dor e sofrimento é narrado.

No espaço pensamento, perpassamos por todos os *flashbacks* que os personagens trazem para a obra, desde antes da cegueira, com suas vidas cotidianas, até o momento em que cegaram, onde eles retomam todo o momento de caos ao cegarem. Dentro desses contextos podemos analisar cada espaço por suas perspectivas. Com isso conhecemos com mais precisão cada um dos setes personagens do núcleo principal. A idealização do passado em cima do presente, do que se era antes do mar de leite, o medo do futuro, a relação com a violência, tudo isso vem com o pensamento em um espaço que um dia fora zona de conforto. Todas as relações que são criadas a partir da prisão vão ganhando força com o passar do tempo.

A relação de poder é algo muito forte dentro da obra, na verdade é o que podemos chamar de abuso de poder, posto que não há nenhum dialogo entre os cegos e as instituições que ficaram responsáveis pela saúde e segurança do internados. É determinado que o melhor lugar para deixar os cegos em quarentena, é o manicômio, pois além de um ambiente hospitalar, ainda é mais fácil de vigiar e controlar. A relação de espaço e poder fica muito evidente dentro da obra, tanto com a escolha do local do núcleo principal, quanto com a escolha do exército como fonte de poder principal, priorizando a segurança e nunca a saúde, vale lembrar que essa segurança não é dos cegos, e sim a do restante da população que ainda não cegou.

Para finalizar o presente trabalho, foi feita uma comparação entre **Ensaio sobre a cegueira** e **Terra de cegos**, numa possibilidade de ampliar a discussão, a fim de mostrar as perspectivas de Núñez e da mulher do cego, posto que nas duas obras só eles enxergavam, ela coma um fio racional, ele como um fio irracional. Dentro das duas obras nos deparamos com cegos, com a diferença que no conto temos cegos que já nasceram assim e não conhecem nem mesmo a palavra “ver”, já no romance, todos os cegos enxergavam e sem explicação nenhuma, cegam de uma hora para outra, como um vírus de rápida propagação. A relação de poder em ambas as narrativas são muito equivalentes, pois a mulher do cego mesmo enxergando, não tem prioridade nenhuma dentro da obra e Núñez, que achava que tornaria rei dentro daquela terra de cegos, é visto como um louco que possui órgãos defeituosos na face, onde é necessário que os arranque para ele ter uma vida normal.

Com isso, o trabalho usou de teorias literárias e filosóficas, para mostrar a relação do espaço com os personagens dentro da obra, mostrando as relações de poder e abuso. A investigação do espaço nessa obra de Saramago pode ajudar a abrir novos caminhos e perspectivas para trabalhar suas outras obras. A forma como o autor problematiza o espaço pode ser vista como uma contribuição para trabalhar as obras contemporâneas, mostrando o desafio da configuração do espaço, dentro do espaço escritura.

## Referências

BACHELARD, Gaston, 1884-1962 2. Ciência - Filosofia 3. Ciência - Metodologia 4. Espaço (Arte) 5. Imaginação 6. Poesia I. Pessanha, José Américo Mota, 1932- II. Título: A filosofia do não. III. Título: O novo espírito científico. **IV. Título: A poética do espaço.**

BAITAILLE, Georges – **O erotismo**; Tradução de Antônio Carlos Viana – Porto Alegre, L&PM, 1987.

BRANDÃO, Luis Alberto, *Teorias do Espaço Literário* – 1 ed. – São Paulo Perspectiva, 2013

CALBUCCI, Eduardo, **Saramago: um roteiro para os romances** – 1 ed. – São Paulo, Ateliê Editorial, 1999

FOUCAULT, Michel, 1926 – 1984 – **Microfísica do Poder**: Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado - 6º ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017 [*Verdade e poder* (pág. 35), *A casa dos loucos* (pág.190), *Sobre prisão* (pág. 213), *Poder-corpo* (pág. 234), *O olho e poder* (pág.318)]

CALVINO, Ítalo – Contos Fantásticos do século XIX: O fantástico visionário e o fantástico cotidiano- in. **Terra de cegos** – H. G.Wells – Editora Schwarcz LTDA. 2004

LOPES, João Marques, **Saramago biografia** – São Paulo: Leya, 2010

POE, Edgar Allan, 1809 -1849: Poemas e Ensaios/ Edgar Allan Poe; tradução Oscar Mendes, Milton Amado; **Filosofia da composição**, revisão técnica e notas Carmen Vera Cirne Lima – 4 ed. Revista – São Paulo: Globo, 2009.

SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a cegueira*, - São Paulo: Companhia das letras, 1995.